

CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Andrêza Reis da Silva¹

Naiene dos Santos Pimentel²

RESUMO

O presente artigo buscou discutir as contribuições das intervenções analítico comportamentais no estabelecimento de habilidades sociais em indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, considerando que a Análise do Comportamento Aplicada é indicada pela Associação Americana de Psiquiatria como a abordagem mais adequada para o tratamento desse transtorno. Por meio de uma revisão bibliográfica de artigos da área da saúde e da Análise do Comportamento, explorou-se: o conceito e o desenvolvimento de habilidades sociais; a conceituação e uma breve contextualização do autismo; os conceitos básicos da Análise do Comportamento e as possíveis áreas de atuação da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), ressaltando a importância da atuação do psicólogo em equipes multidisciplinares para a avaliação e intervenção voltadas aos indivíduos com autismo. Ao finalizar este estudo, foi possível concluir que a Análise do Comportamento Aplicada dispõe de estratégias interventivas capazes de ensinar novos comportamentos e diminuir a frequência dos comportamentos indesejados. Dentre essas estratégias, a modelagem e o reforço positivo mostraram-se mais eficazes para o aprimoramento e aquisição de habilidades sociais. Ressaltou-se ainda, a necessidade de mais estudos voltados para essa área já que durante a realização da pesquisa foi possível identificar a escassez de artigos sobre esse tema.

Palavras-chave: Autismo. Habilidades Sociais. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

The present article discusses the contributions of behavioral analytic interventions in the establishment of social skills in individuals diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD), considering that Applied Behavior Analysis (ABA) is indicated by the American Psychiatric Association as the most appropriate approach for the treatment of this disorder. Through a literature review of articles from the health and behavioral analysis fields, we explored: the concept and development of social skills; the conceptualization and a brief contextualization of autism; the basic concepts of behavior analysis and the possible areas of application of Applied Behavior Analysis (ABA), emphasizing the importance of the psychologist's role in multidisciplinary teams for the assessment and intervention aimed at individuals with autism. At the end of this study, it was concluded that Applied Behavior Analysis has intervention strategies capable of teaching new behaviors and reducing the frequency of unwanted behaviors. Among these strategies, modeling and positive reinforcement have shown to be more

¹ Graduanda de Psicologia do Centro Universitário Presidente Tancredo Almeida Neves de São João del Rei. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com

² Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Tancredo Almeida Neves de São João del Rei. E-mail: naiene.pimentel@uniptan.edu.br

effective for the improvement and acquisition of social skills. It was also highlighted the need for more studies in this area, as during the research it was possible to identify a scarcity of articles on this topic.

Keywords: Autism. Social Skills. Behavior Analysis.

Introdução

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízos na comunicação, habilidades sociais e comportamentais. Os sinais podem começar a se manifestar por volta de um ano e meio de idade, sendo necessário encaminhar para avaliação diagnóstica o mais rápido possível, visto que intervenções precoces possibilitam uma melhor qualidade de vida para o indivíduo.

Conforme orientações da Associação Americana de Psiquiatria (APA), o tratamento mais eficaz na psicologia é oriundo de intervenções comportamentais, sendo a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) a mais utilizada (Alves; Alves, 2022). Nesse sentido, o presente trabalho objetiva aprofundar e investigar as contribuições de intervenções analítico comportamentais no estabelecimento de habilidades sociais em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tema este em crescimento nos dias atuais.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico, que é definido por Marconi e Lakatos (2003, p. 158) como “[...] um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema”. Foram utilizadas fontes teóricas já publicadas em livros, artigos, jornais e páginas eletrônicas que trabalhassem os respectivos temas que também foram as palavras chaves escolhidas para a busca nos indexadores. Sendo eles: autismo, habilidades sociais e intervenções analítico comportamentais.

As fontes descritas acima foram encontradas em bases de dados eletrônicas como Google Acadêmico e Scientific Electronic Librar Online (SciELO), sistemas de busca eletrônica e bibliotecas tradicionais. Fichamentos foram realizados após a seleção dos materiais com intuito de descrever todas as informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Com a finalização do registro em fichas, procedeu-se com a escrita da pesquisa bibliográfica, analisando e refletindo as ideias que auxiliaram no cumprimento dos objetivos do presente trabalho.

Autismo – uma breve contextualização

O autismo foi caracterizado pela primeira vez por Leo Kanner em 1943, após observar de maneira minuciosa crianças com faixa etária de 2 a 8 anos, denominando o transtorno como “distúrbio autístico de contato afetivo”. Sua descrição possibilitou apontar as diferenças entre o autismo e outros transtornos, como é o caso da esquizofrenia e de psicoses infantis (Brasil, 2014, p.11.)

Com o decorrer dos anos, os critérios diagnósticos desse transtorno sofreram diversas modificações, sendo expostos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Ambos convergem nos critérios que embasam o diagnóstico, apresentando diferenças apenas em nomenclaturas, características e códigos (Fernandes; Tomazelli; Girianelli, 2020).

Silva e Elias (2020) apontam que, nas primeiras edições do DSM, o autismo foi tido como manifestação da Esquizofrenia Infantil, sendo nomeado inicialmente como sintoma da “Reação Esquizofrênica tipo Infantil” (American Psychiatric Association, 1952) e posteriormente como “Esquizofrenia tipo Infantil” (American Psychiatric Association, 1968). Em 1977, atendendo a uma convocação da referida Associação a um grupo de trabalho liderado pelo médico psiquiatra Robert Spitzer, buscou-se estabelecer, através de fundamentos científicos, critérios “descritivos e observáveis” de diagnóstico (Dunker, 2014 *apud* Fernandes *et al.*, 2020). O autismo que, até então, era considerado como doença passou a ser descrito como uma desordem, tendo sua nomenclatura própria: “Transtorno Autista” na classificação de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), em 1980, no DSM- III.

O DSM-IV (2002) introduz outras modificações. Os transtornos globais do desenvolvimento, caracterizados por intensos prejuízos nas interações sociais e comprometimento no desenvolvimento, englobavam cinco transtornos: “Transtorno Autista”, “Transtorno de Rett”, “Transtorno Desintegrativo da Infância”, “Transtorno de Asperger” e “Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação” (Prista, 2022).

Entretanto, foi somente no DSM-5 (2013) que o autismo foi descrito como um espectro, caracterizado por dois importantes critérios: *déficits* na interação social e comunicação e interesses restritos e repetitivos comportamentais. Isto posto, fez com que os transtornos globais do desenvolvimento descritos anteriormente fossem integrados ao TEA, tendo suas nomenclaturas individuais excluídas (Pisetta; Gregório, 2022).

De acordo com o DSM-5 (2022), em sua versão revisada, o autismo é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento, não linear, caracterizado por prejuízos em habilidades sociais, comunicação, comportamento e interesse restrito e repetitivo. Conforme estabelecido pelo Manual, o diagnóstico deste transtorno é determinado, através de alguns critérios,

conforme descrito abaixo.

Tabela 1 – Critérios Diagnósticos do TEA

Critérios	Características
A	Prejuízos persistentes em comunicação e interesse social destacando-se as limitações na reciprocidade socioemocional; limitações em comportamentos comunicativos não verbais para o estabelecimento de interações sociais e limitações para desenvolver, manter e compreender relacionamentos.
B	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, evidenciando-se movimentos motores, uso de objetos ou falas estereotipadas e repetitivas; dificuldades na mudança de rotinas; interesses restritos e fixos que são anormais em intensidade e a hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais do ambiente.
C	Os sintomas devem ser apresentados nas primeiras fases do desenvolvimento.
D	Os sintomas devem ser prejudiciais de forma significativa em diversas áreas da vida do indivíduo, como social e profissional.
E	Os sintomas do autismo não são mais explicados por deficiência intelectual ou por atraso global do desenvolvimento. Estes podem ser comorbidades do transtorno.

Fonte: Tabela de autoria própria baseada no DSM-5 (2013)

Ainda de acordo com a edição revisada do DSM-5 (2022), a gravidade do autismo é especificada por três níveis de suporte, os quais dizem da intensidade da dificuldade do indivíduo em desenvolver habilidades sociais e comportamentais. No nível um, os indivíduos com TEA necessitam de pouco suporte na vida diária, se comunicam verbalmente, mas podem apresentar dificuldades de interação social e inflexibilidade comportamental, evidenciando dificuldades em mudanças de rotinas e em planejamentos e organizações. No que se refere ao nível dois, necessita-se de um maior suporte no cotidiano, apresentando limitações sociais substanciais, inflexibilidade do comportamento, bem como a presença de comportamentos estereotipados e repetitivos. Já o nível três é caracterizado por requerer muito apoio no dia a dia, manifestando problemas graves em habilidades sociais, verbais e não verbais, além de intensa dificuldades comportamentais. Neste último, destaca-se também a interferência do comportamento restrito e repetitivo em todas as esferas da vida do indivíduo diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista.

Os sinais podem começar a se manifestar nos primeiros meses de vida na forma de alterações de sono e comportamento alimentar, mas nem sempre são identificados como

sintomas de Transtorno do Espectro Autista (TEA), já que não são exclusivos desse transtorno (Bosa; Zanon, 2016 *apud* Mota; Vieira; Nuernberg, 2020). Após os seis meses de idade, os sintomas começam a ficar mais evidentes de modo que é possível identificar a redução na frequência de contatos visuais e vocalizações do bebê (Ozonoff *et al.*, 2010; *apud* Mota; Vieira; Nuernberg, 2020). Conforme o Ministério da Saúde (2021), o diagnóstico pode não ser formulado precocemente, uma vez que nem sempre são perceptíveis atrasos no desenvolvimento da criança.

Essas informações indicam a importância de um diagnóstico precoce para um melhor desenvolvimento do indivíduo. Tal afirmação é reforçada uma vez que o cérebro se desenvolve de forma mais rápida até os três anos de idade. Portanto, se o transtorno não for identificado até essa faixa etária, os sintomas tendem a se intensificar, prejudicando o crescimento cognitivo e social do sujeito (Steffen *et al.*, 2019).

É importante mencionar que o diagnóstico do TEA é estabelecido perante uma avaliação multidisciplinar (psicólogos, fonoaudiólogos, médicos), por necessitar de um detalhamento em todos os aspectos do desenvolvimento da criança. Ao se concluir a avaliação, é possível definir qual o melhor tratamento e as técnicas para a evolução do quadro, considerando-se um atendimento especializado de acordo com os prejuízos e particularidades do sujeito (Brasil, 2014).

Partindo desse pressuposto, as intervenções a serem realizadas no decorrer do tratamento do Transtorno do Espectro Autista devem ser programadas de maneira interdisciplinar e personalizada, de forma a identificar os *déficits* mais significativos da pessoa autista. O psicólogo integra essa equipe, contribuindo com a promoção da aprendizagem de novas habilidades e o aprimoramento daquelas que se encontram defasadas.

Habilidades Sociais

No que se refere ao modelo popular, do cotidiano, as habilidades sociais (HS) podem ser compreendidas como competências que os indivíduos apresentam para interagir com outras pessoas. Destacam-se também como necessárias para o discernimento de como se comportar perante o meio social em que se está inserido em determinada situação (Guedes, 2022).

Já em um contexto técnico, as habilidades sociais estão relacionadas a duas concepções: competência social e desempenho social. Conforme Del Prette e Del Prette (2005 *apud* Pereira, 2016), a competência social é a “capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências

positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas” (p. 33). O desempenho social se refere a “qualquer tipo de comportamento emitido na relação com outras pessoas, tanto os que favorecem quanto os que interferem na qualidade dos relacionamentos” (p. 31). Pode-se considerar, portanto, que habilidades sociais podem ser compreendidas como classes comportamentais que ajudam o indivíduo a pensar, sentir ou agir perante determinada situação pessoal ou cultural (Pereira, 2016).

Del Prette e Del Prette (2013) apontam que as condições ambientais são fundamentais para caracterizar os diversos processos de aprendizagem. As consequências que são produzidas pelo comportamento no ambiente são substanciais para manter ou modificar padrões comportamentais. Em consonância com esse enfoque, o modo como a criança está inserida no meio e o seu contato com as pessoas à sua volta interferem no seu aprendizado e em suas relações e vínculos sociais.

À vista disso, é durante a infância e a adolescência que as habilidades sociais são aprendidas por meio de “instrução, modelação e consequências vivenciadas nas interações sociais cotidianas” (Del Prette; Dias; Del Prette, 2019 *apud* Oliveira; Quiterio, 2022). Contudo, nem toda criança tem o desenvolvimento de HS necessárias para as relações interpessoais cotidianas.

Dentre as habilidades primordiais à criança devem ser consideradas: autocontrole e expressividade emocional; habilidade de civilidade; empatia; assertividade; capacidade de fazer amizades; habilidades de resolução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas. Tais habilidades são interdependentes e complementares de modo que devem ser trabalhadas em primeira instância com a família e, posteriormente, com outras instituições sociais, como é o caso das escolas (Del Prette; Del Prette, 2022).

Como citado anteriormente, uma das características do autismo é o prejuízo em habilidades sociais e, conforme Del Prette e Del Prette (2022, p.73), “os programas de Treinamento de Habilidades Sociais para crianças e adolescentes podem focalizar tanto a superação dos *déficits* e problemas a eles associados como a promoção mais generalizada de um repertório amplo de habilidades sociais”. Guimarães (2022) acrescenta que comportamentos inadequados oriundos de condições ambientais e genéticas podem ser enfraquecidos por contingências de reforçamento.

Nessa perspectiva, deve-se fazer menção à Comunicação Alternativa Ampliada (CAA), que é descrita por Iacono *et al.* (2016, p. 2349) como “várias modalidades que podem substituir ou aumentar a fala de uma pessoa e outras capacidades de comunicação existentes”, acrescentando que:

Estas modalidades são simples, geralmente na forma de sinais manuais, ou assistidas, com sistemas que incluem símbolos gráficos exibidos em painéis de comunicação e em livros, ou dispositivos que dependem de tecnologia, como dispositivos geradores de fala (SGD), incluindo tecnologias móveis (Iacono *et al.*, 2016, p.2350)

Portanto, a CAA pode ser incluída nos programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) de indivíduos diagnosticados com autismo que apresentam comprometimento na fala. Considera-se que a comunicação alternativa permite facilitar a comunicação e, conseqüentemente, a inclusão desses indivíduos, além de viabilizar uma maior interação com o meio no qual está inserido (Quiterio; Nunes, 2018 *apud* Oliveira; Quiterio, 2022).

Além das comunicações alternativas, intervenções voltadas para imitação auxiliam na aquisição e aprimoramento de HS, visto que permitem a interação em brincadeiras com outras crianças. Contudo, ressalta-se que, em autistas, o aprendizado da imitação pode ser mais difícil que em indivíduos que não apresentam o transtorno, mas, ainda assim, é possível ensinar tais habilidades (Gomes; Silveira, 2016).

Moura, Santos e Marchesini (2021) acrescentam que o brincar funcional também é crucial para o desenvolvimento de habilidades sociais, já que a atividade entre pares pode auxiliar nesse processo. O brincar funcional “envolve usar objetos de uma forma que é apropriada à sua função (Terpstra *et al.*, 2002, p.120; Natel, 2022, p.2)”.

Rubim e Matos (2020) também corroboram com o tema ao dizer que a utilização de tentativas discretas com práticas repetidas é uma das estratégias interventivas baseadas na ABA que envolvem o brincar funcional. Dessa forma, o terapeuta irá apresentar um modelo de comportamento seguido de instrução verbal ao aprendiz e este irá emitir uma resposta imitativa que será reforçada em seguida. Sabe-se, no entanto, que as brincadeiras podem não ter a mesma função para uma criança com diagnóstico de TEA da que teriam para uma criança com desenvolvimento típico, sendo necessário o estabelecimento de estratégias interventivas individuais, focadas no aperfeiçoamento de habilidades ainda não estabelecidas (Moura; Santos; Marchesini, 2021).

Dessa forma, de acordo com Quiterio e Nunes (2018, *apud* Oliveira; Quiterio, 2022), os atendimentos a serem realizados junto às crianças com prejuízos em HS, podem ser tanto individuais como em grupos, a depender do objetivo da intervenção. Ainda assim, ressalta-se a importância do contato da criança com a família e meios externos para a aprendizagem de comportamentos e regras sociais. Logo, entende-se que aquisição de habilidades sociais perpassa a infância e a adolescência, dando continuidade no decorrer da vivência do indivíduo.

Princípios Básicos da Análise do Comportamento

Consoante com Todorov (2019, p.14), “a análise do comportamento é uma linguagem da psicologia que tem como seu objeto o estudo de interações comportamento-ambiente”. Sendo assim, considera-se que o comportamento não pode ser entendido sem considerar o contexto ambiental em que ele ocorre.

Dentro de tal abordagem, o conceito de contingência se faz presente e é de extrema importância entendê-lo para compreender o comportamento e suas alterações. Portanto, “uma contingência é descrita na forma de afirmação ‘se... , então...’ ‘Se’ refere-se algum aspecto do comportamento ou do ambiente e ‘então’ especifica o evento ambiental consequente (Todorov, 2010, p.146). Considera-se, portanto, que a Análise do Comportamento entende, por meio da noção de contingência, como determinado comportamento foi aprendido e é mantido (Souza, 2011).

Ainda considerando a noção de contingência, Skinner (1975, p. 182 *apud* Costa; Marinho, 2002, p. 44-45) descreveu a unidade mínima necessária para a descrição do comportamento operante, a saber, a contingência tríplice. Tal conceito possibilita compreender que:

[...] uma formulação entre as interações de um organismo e o seu meio ambiente, para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: (1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, (2) a própria resposta e (3) as consequências reforçadoras. As relações entre elas constituem as “contingências de reforço.

Portanto, a descrição de uma contingência envolve a resposta emitida pelo indivíduo e a consequência que ela produz diante de uma ocasião específica. Ademais, é necessário compreender que “os conceitos de comportamento e ambiente, e de resposta e estímulo, são interdependentes. Um não pode ser definido sem referência ao outro” (Todorov, 2019, p.15).

O reforço é o processo que mantém ou aumenta a probabilidade de um comportamento voltar a acontecer em condições semelhantes, podendo intercorrer de maneira negativa ou positiva (Abade; Rocha, 2019). Gomes e Silveira (2016) afirmam que o reforço negativo tende a aumentar a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer pela retirada de um estímulo (eventos do ambiente). Já o reforço positivo tende a aumentar a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer pelo acréscimo de um estímulo (eventos do ambiente). Diante disso, entende-se que só pode ser considerado reforço quando há manutenção ou aumento da frequência do comportamento. Além disso, deve-se atentar que aqui que positivo e negativo não se referem a aspectos bons ou ruins, mas ao acréscimo ou retirada de estímulos.

De acordo com Moreira e Medeiros (2007), é natural que algumas consequências deixem de ser produzidas por determinados comportamentos, diminuindo a probabilidade do

comportamento voltar a acontecer em situações semelhantes. Neste caso, a frequência do comportamento volta ao nível operante, quando este ainda não havia sido reforçado. Esse procedimento é denominado extinção operante e, para os autores, “a suspensão do reforço (procedimento de extinção do comportamento operante) tem como resultado a gradual diminuição da frequência de ocorrência do comportamento (processo de extinção do comportamento operante)” (p.55).

O entendimento dos princípios básicos da Análise do Comportamento são essenciais para a aplicação de intervenções analítico comportamentais, principalmente no que diz respeito à Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

Intervenções Analítico Comportamentais para o Transtorno do Espectro Autista

A Análise do Comportamento é uma abordagem da psicologia, sustentada por pesquisa básica, teórica e aplicada. A pesquisa básica busca, por meio do controle de variáveis, responder a perguntas da ciência para o embasamento teórico; a pesquisa aplicada utiliza-se dos conceitos básicos para estratégias interventivas em contextos socialmente relevantes e a pesquisa teórica “constrói os conceitos explicativos do comportamento” (Guilhardi; Romano; Bagaiolo, 2015, p.1). Dessa forma, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) nada mais é do que a aplicação dos conceitos teóricos e filosóficos da Análise do Comportamento (Silva, 2021).

A ABA, portanto, utiliza de aplicação de técnicas para ensinar novos comportamentos e diminuir a frequência de comportamentos inadequados/prejudiciais ao indivíduo, valendo-se de estratégias flexíveis e adaptadas às suas necessidades e particularidades (Rosa, 2022). Ressalta-se que intervenções baseadas na ABA têm mostrado grande eficácia em tratamentos para crianças diagnosticadas com TEA, diminuindo sintomas e promovendo novos repertórios comportamentais, habilidades sociais e comportamento adaptativo (Howard *et al.*, 2005; Landa, 2007; Virues-Ortega, 2010; Vismara; Rogers, 2010 *apud* Camargo; Rispoli, 2013).

Ao discorrer sobre ABA, Camargo e Rispoli (2013, p. 642) esclarecem que a:

ABA investiga as variáveis que afetam o comportamento humano, sendo capaz de mudá-los através da modificação de seus antecedentes (o que ocorreu antes e pode ter sido um possível gatilho para a ocorrência do comportamento) e suas consequências - eventos que se sucederam após a ocorrência do comportamento, e que podem ter sido agradáveis ou desagradáveis determinando a probabilidade de que ocorram novamente.

Nesse sentido, os objetivos da ABA são definidos por Oliveira e Silva (2021, p. 575-576.) como: “trabalhar os *déficits* comportamentais prejudiciais à vida da criança; diminuir a frequência de comportamentos indesejados; promover habilidades importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo; promover comportamentos socialmente desejáveis”.

Sendo assim, a ABA, além de atuar nos *déficits* comportamentais do indivíduo, é também caracterizada pela coleta de dados durante todo o processo de intervenção, permitindo acompanhar o desenvolvimento individual do sujeito bem como as estratégias necessárias para o cumprimento do plano terapêutico (Baer; Wolf; Risley, 1968, 1987; Hundert, 2009, *apud* Moraes, 2021).

Dito isso, concordando com Silva (2022), afirma-se que o ensino intensivo baseado na Análise do Comportamento Aplicada possibilita ao indivíduo autista uma melhor qualidade de vida, voltada para promoção de autonomia e independência. Para tal efeito, é necessário um trabalho multidisciplinar e de colaboração por parte da família (Barbosa, 2018 *apud* Silva, 2022).

Isto posto, para manejar ou modificar um comportamento é necessário entender sua função para o indivíduo. Para isso, é imprescindível identificar o que Lear (2004) chamou de ABC'S (Antecedente, Comportamento e Consequência), coletados através de uma Análise Funcional do Comportamento.

Ressalta-se que a ABA não se restringe ao tratamento de TEA e, para além dela, a Análise do Comportamento possui diversas tecnologias interventivas, as quais têm por objetivo identificar os comportamentos, em que contexto eles ocorrem e quais as suas consequências mantenedoras. Sendo assim, de acordo com Cândido e Ferreira (2020), a Terapia Analítico Comportamental, a Psicoterapia Analítico Funcional e a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) são exemplos dessas tecnologias que, de maneiras distintas, estabelecem possíveis estratégias de intervenção.

Análise do Comportamento Aplicada, Habilidades Sociais e TEA

A Análise do Comportamento Aplicada é uma abordagem da Psicologia que envolve o ensino de habilidades necessárias para que o indivíduo tenha uma melhor qualidade de vida, entre elas, as habilidades sociais. Nessa mesma perspectiva, algumas estratégias comportamentais são utilizadas para o estabelecimento de habilidades sociais em indivíduos com TEA (Rezende, 2021 *apud* Alves, 2022).

De acordo com Andreozzi (2017), dentre os procedimentos utilizados para a aquisição de habilidades sociais, destaca-se intervenções baseadas em histórias sociais (descrições do que vai acontecer em determinada situação/atividade), ensaio comportamental (uma situação problema é apresentada pelo indivíduo e discussões a respeito disso são realizadas) e modelagem que, conforme Moreira e Medeiros (2007, p.60) definem “ é um procedimento de reforçamento diferencial de aproximações sucessivas de um comportamento”. Ou seja, algumas

respostas são reforçadas e outras que se assemelham eliminadas, e de maneira gradual se aproximam do comportamento desejado.

Moreira e Medeiros (2007) também fazem menção do reforço diferencial de outros comportamentos (DRO), caracterizado pela liberação de reforço aos comportamentos emitidos, exceto os comportamentos problemas, contribuindo também para a aquisição de novas habilidades. Dessa forma, reduz a frequência de um comportamento indesejado sem a utilização da punição, produzindo portanto, menos efeitos colaterais.

Ainda conforme Andreozzi (2017), para a realização de treino de habilidades sociais a idade e o grau de compreensão do indivíduo devem ser considerados, incluindo, treinos que envolvam descrições de eventos privados (i.e. sentimentos, emoções), resolução de problemas, contato visual, alternância de turnos, cumprimentar pessoas, brincar, conversação, elogios, atender pedidos de ajuda e regulação emocional.

Ainda assim, a utilização do reforço durante as intervenções deve ser enfatizada, uma vez que, como já mencionado, aumenta a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer, podendo demonstrar eficácia no ensino de habilidades sociais e em outras áreas defasadas do autismo.

Vale ressaltar que a orientação de pais também é uma possibilidade de intervenção dentro da Análise do Comportamento Aplicada, permitindo que o profissional de psicologia trabalhe junto aos pais e à criança autista em prol do objetivo traçado e da melhora de repertórios comportamentais bem como das interações sociais (Silvares, 1995 *apud* Schalcher, 2020). Dessa forma, o trabalho conjunto do profissional com os pais permite uma maior generalização do comportamento alvo desejado, aqui no caso, habilidades sociais, uma vez que permite que o indivíduo tenha acesso a recursos interventivos em diversos contextos ambientais.

A escola também deve ser considerada já que é um ambiente importante para o crescimento pessoal e social do indivíduo, pois permite a interação com outras crianças. Somado a esse cenário, o professor pode contribuir na aquisição de habilidades sociais por meio de recursos pedagógicos que envolvem socialização, comunicação e linguagem. Este profissional, assim como o psicólogo, pode ser aplicador de ABA, desde que tenha conhecimento da área (Santos *et al.*, 2019).

Ainda corroborando com o tema vale dizer que Alves (2022) realizou uma pesquisa com uma criança autista com intuito de elencar estratégias da ABA de maior eficácia para aquisição de um novo repertório comportamental de habilidades sociais. A pesquisa foi realizada com um menino de sete anos com autismo nível dois de suporte que é atendido diariamente em uma clínica na cidade de Jardim Maringá. A coleta de dados foi feita através da aplicação do

Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competências Acadêmicas para Crianças (SSRS) a professoras e à avó materna e as repostas foram comparadas e mensuradas após a realização de intervenções baseadas em ABA.

Constatou-se, a partir do SSRS, que as habilidades sociais de Cooperação e Afetividade e de Desenvoltura Social e Assertividade apresentaram baixo desenvolvimento na avaliação inicial, sendo realizadas intervenções para que houvesse um melhor aprimoramento dessas habilidades. A intervenção utilizou-se de aplicação de Treino de Habilidades Sociais (THS), tanto na clínica como no ambiente escolar, trabalhando de forma lúdica, brincadeiras livres e semidirigidas que estimulassem a interação social do participante com outras crianças (Alves, 2022).

Após o período de intervenção foi realizada uma nova aplicação do SSRS, constatando melhora e aquisição de um novo repertório de habilidades sociais. Alves (2022) também menciona que entre as estratégias utilizadas (reforçamento diferencial, ensaio comportamental, hierarquia em dicas, ensino por tentativas discretas, modelagem e generalização) a modelagem e o reforço positivo foram as mais efetivas para o estabelecimento de HS na criança.

O estudo exposto acima vai ao encontro do propósito deste trabalho, enfatizando que a ABA é uma ciência que dispõe de diversas estratégias interventivas para o estabelecimento de habilidades sociais em pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Além disso, ressalta-se a importância de um trabalho interdisciplinar para melhor aquisição de habilidades afetadas pelo transtorno.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou analisar as contribuições das intervenções analítico-comportamentais no estabelecimento de habilidades sociais em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Para referida problemática se fez importante conceitualizar as características e áreas de prejuízo do autismo, a importância de habilidades sociais bem como conceitos básicos da análise do comportamento.

O autismo então, refere-se a um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta áreas de comunicação, habilidades sociais e comportamentais. O seu diagnóstico não é de fácil acesso, por nem sempre apresentar características visíveis nos primeiros anos de desenvolvimento infantil. Contudo, ressalta-se a importância de um diagnóstico precoce, possibilitando que o indivíduo receba intervenções imediatas nas áreas comprometidas pelo transtorno.

Em uma mesma perspectiva, as habilidades sociais se destacam por terem um papel

importante na vida do indivíduo e é durante a infância e no decorrer de outras fases do desenvolvimento humano que elas são apreendidas, possibilitando que o indivíduo interaja com o meio no qual está inserido como também respeite as normas sociais. Como já referido, no autismo esta é uma área muito comprometida, portanto, intervenções devem ser realizadas possibilitando que a pessoa autista se desenvolva.

Diante do estudo, percebeu-se a necessidade de intervenções baseadas em Análise do Comportamento Aplicada para a aquisição de habilidades sociais, uma vez que permitem um olhar integral voltado para o indivíduo antes, durante e após as intervenções. O profissional de psicologia neste cenário deve-se atentar às necessidades e particularidades do sujeito, estabelecendo estratégias necessárias para o desenvolvimento do objetivo traçado. Ademais, ressalta-se a relevância da atuação do profissional de psicologia junto de uma equipe multidisciplinar, possibilitando um tratamento ampliado visando todas as esferas de vida, sejam elas sociais e de atividades de vida diária.

Como impasse para a realização desta pesquisa, encontraram-se limitações da literatura e da produção de conhecimento que trabalhassem as intervenções analíticas comportamentais no estabelecimento de habilidades sociais em indivíduos com TEA, o que nos faz referir a urgência de estudos voltados a esta temática, já que ressaltou a relevância da ABA como estratégia interventiva como também da atuação do psicólogo nesse contexto, possibilitando a aprendizagem de novas habilidades e aprimoramento de repertórios comportamentais.

Todavia, considera-se que o propósito deste artigo foi atingido, já que foi possível compreender as possíveis contribuições da Análise do Comportamento Aplicada no processo de aquisição de habilidades sociais em indivíduos autistas.

REFERÊNCIAS

ABADE, Armindo Meira; ROCHA, Adriana Cristina. O comportamento operante na perspectiva da Análise do Comportamento: uma revisão bibliográfica. **Revista Uningá**, Maringá, v. 56, n. S1, p.10-21, mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.46311/2318-0579.56.eUJ94>. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/94/1855>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ALVES, Angela Karenine Saraiva; ALVES, Thamy Saraiva. O AUTISMO E O PSICÓLOGO NA PSICOLOGIA CLÍNICA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 201–218, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i2.4162. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4162>. Acesso em: 12 out. 2023.

ALVES, Kézia Neri. **A Análise do Comportamento Aplicada na construção de habilidades sociais no Transtorno do Espectro Autista**. Sinop-MT, 2022. Disponível

em:<http://repositorio.unifasipe.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/539/MONOGRAFIA%20II%20K%c3%89ZIA%20NERIS%20ALVES%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 set. 2023.

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR.5.ed.** Porto Alegre: Artmed, 2022.

American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual: Mental Disorders. DSM-I.** Washington.1952.

American Psychiatric Association.**Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. DSM-II. 2.ed.**Washington, 1968.

ANDREOZZI, Giovanna Cecília Santoro Frota Pagano. **Ensino de grupo de habilidades sociais para pessoas com autismo: uma revisão da literatura.** São Paulo,2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20721> . Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (tea). Brasília, 2014.Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acesso em: 10 ago.2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância em Saúde.Brasília,2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/unidade-de-atencao-primaria/vigilancia-em-saude/#pills-aspectos-gerais-autismo>. Acesso em: 10 out. 2023.

CÂNDIDO, Gabriel Vieira; FERREIRA, Tiago Alfredo da Silva. Terapia Analítico-Comportamental: reflexões sobre a sistematização de uma prática Acta Comportamentalia: **Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, vol. 30, n. 1, p. 139-157, 2022.Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2745/274570459007/html/>. Acesso em: 19 ago.2023.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, v.26, n.47,6 nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X9694>.Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6994>. Acesso em: 19 ago.2023.

COSTA, Silvana Elisa Gonçalves de Campos; MARINHO, Maria Luiza. **Um modelo de apresentação de análise funcionais do comportamento.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 19, n. 3, p. 43–54, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/sHhqtHJYgzVvWkN3krzwYrC/>. Acesso em: 19 ago.2023.

DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática.** Petrópolis: Vozes Ltda,2013.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. **Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas.** Rio de Janeiro: v.31, p.1-10,2020.Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/>. Acesso em: 10 ago.2023.

GOMES, Camila Graciella Santos; SILVEIRA, Analice Dutra. **Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: Manual para intervenção comportamental intensiva.** Curitiba: Appris, 2016.

GUILHARDI, Cíntia; ROMANO, Claudia.; BAGAILOLO, Leila. **Análise Aplicada do Comportamento (ABA):** Contribuições para a intervenção com Autismo. Disponível em: <https://www.grupogradual.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Artigo-Marcos-Mercadante-definitivo.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023.

GUIMARÃES, Beatriz Malveiro Scartezzini. **Treino de Habilidades Sociais em sujeitos com TEA, sob a perspectiva da Análise do Comportamento.** São Paulo: 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27645>. Acesso em: 27 set. 2023.

GUEDES, L. F. Como **Desenvolver Habilidades Sociais:** saiba como trabalhá-las. Disponível em: <https://www.psitto.com.br/blog/como-desenvolver-habilidades-sociais/#:~:text=As%20habilidades%20sociais%20s%C3%A3o%20as,pode%20ser%20dif%C3%ADcil%20se%20expressar>. Acesso em: 7 set. 2023.

IACONO, Teresa; TREMBATH, David; ERICKSON, Shane. (2016). The role of augmentative and alternative communication for children with autism: Current status and future trends. **Neuropsychiatric Disease and Treatment**, 12, 2349-2361. DOI: 10.2147/NDT.S95967. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5036660/>. Acesso em: 27 set. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MOTA, Ana Carolina Wolff; VIEIRA, Mauro Luis; NUERNBERG, Adriano Henrique. Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, v.33, 10 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X41167>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/41167>. Acesso em: 27 set. 2023.

MORAES, Fulvio Alberto de. **Análise do Comportamento Aplicada (ABA) ao Transtorno do Espectro Autista:** Treino de habilidades sociais e tratamento precoce em crianças. Sorocaba: p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/handle/123456789/36524> . Acesso em: 27 set. 2023.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios básicos de Análise do Comportamento.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

MOURA, Allana Moura e; SANTOS, Bruna Monyara Lima dos; MARCHESINI, Ana Lúcia Sampaio. **O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista.** Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 21, n. 1, p. 24–38, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/14120>. Acesso: 7 set. 2023.

M. PRISTA, Rosa. Diagnóstico do Autismo. A Complexidade Vincular em Pauta. Vínculo – **Revista do NESME**, v. 19, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.32467/issn.1982->

1492v19n2a7. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1394/139473388007/html/>. Acesso em: 28 set. 2023.

NATEL, Jessika Mota. **Análise de procedimentos de ensino do brincar de faz de conta para crianças com TEA: uma revisão sistemática.** Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD),2022.Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/29640>. Acesso em: 28 set. 2023.

OLIVEIRA, Daniela dos Santos Ferreira; SILVA, Anderson Douglas Pereira Rodrigues da. Autismo e a educação: ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada) como proposta de intervenção na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.** São Paulo, v.7.n.10. out. 2021. DOI: doi.org/10.51891/rease.v7i10.2517. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2517/1005>. Acesso em 8 set. 2023.

OLIVEIRA, Mariane Voga de; QUITERIO, Patricia Lorena. Programas de intervenção em habilidades sociais de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial,** 22 nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X66900>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/66900>. Acesso em: 2 set. 2023.

PEREIRA, Beatriz Ramos. **O desenvolvimento do repertório de habilidades sociais infantis sob influência dos repertórios parentais:** Uma análise sobre o comportamento verbal e o aprendizado contingencial. Brasília, p. 1-54, jan.2016. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-TACI-Beatriz-Ramos-Pereira-2016.pdf>. Acesso em: 7 set. 2023.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello; BRENNER, Guilherme. **O autismo como transtorno e a medicalização da vida.** Palmas: v.9, n.24, p.301-313, maio – nov. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7291>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ROSA, Sandra de Oliveira. **Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e sua contribuição para inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) graus II e III no Ensino Fundamental I.** Curitiba, v. 11, n. 32, p. 212-229, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2177>. Acesso em 21 set. 2023.

RUBIM, Amanda Lima; MATOS, Daniel Carvalho de. Comparação de tipos de pistas sobre brincar funcional em crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development,** v. 9, n. 7, p. e465974392, 22 maio 2020. DOI:10.33448/rsd-v9i7.4392. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341608042_Comparacao_de_tipos_de_pistas_sobre_brincar_funcional_em_crianças_com_transtorno_do_espectro_autista. Acesso em: 28 set. 2023.

SANTOS, Ambrozina et.al. O olhar da família e da escola para criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA. **Revista Liberum Accessum,**2019. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/31-112-1-PB.pdf>. Disponível em: <http://revista.liberumaccesum.com.br/index.php/RLA/article/view/31>. Acesso em: 23 set.

2023.

SILVA, Camila Costa e; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Instrumentos de Avaliação no Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática. **Aval. psicol.**, Itatiba , v. 19, n. 2, p. 189-197, jun. 2020 . DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.09>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712020000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 out. 2023.

SILVA, Maria Paula da. A Importância da Aba: Análise do Comportamento Aplicada nas Salas De Recursos. In: **Sala de Recursos Revista**, vol.2, n.2, p.95-101, mai – agos. 2021. Disponível em:<http://www.saladerecursos.com.br>. Acesso em: 19 ago. 2023.

SILVA, Nelcimari Marçal Machado da. **A contribuição da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para o tratamento do Transtorno do Espectro Autista**. Ariquemes,2022. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/3120>. Acesso em: 8 set. 2023.

SOUSA, Cynthia Alves Felix; ARAUJO, Henrique Jonathan Nascimento de; BARBOSA, Mayara Ferreira. Ensino de habilidades sociais para pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Revista Educação Especial**: v.35, p.1-16, abril-jun.2022.DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X65428>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/65428>. Acesso em: 4 out. 2023.

SOUZA, Marcelo. A Contingencia. **Portal Comporte-se**,2011. Disponível em: <https://comportese.com/2011/06/06/a-contingencia/>. Acesso em: 26 out. de 2022.

SCHALCHER, Lyssa Sousa Fernandes. **Práticas parentais e treinamento de pais de crianças autista**: um estudo de levantamento bibliográfico. São Luís, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/4302>. Aesso em: 23 set. 2023.

STEFFEN, Bruna Freitas *et al.* Diagnóstico precoce do autismo: uma revisão literária. **Revista Saúde Multidisciplinar**, v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91>. Acesso em: 2 set. 2023.

TODOROV, João Claudio. Análise do comportamento: processos e procedimentos. Brasília: Technopolitik,2019

TODOROV, J. C; HANNA, E. S. Análise do comportamento no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.26, n. spee, p.143-153,2010.